



Rubens Pavão

De Relance

Tempo de festa - tempo de partilha!

As festividades em honra do Divino Espírito Santo, sempre foram por estas ilhas açorianas, um tempo de partilha, de unidade e de devoção à Santíssima Trindade, que cada vez mais se teme videnciado nos impérios e mordomias; em cada emigrante vindo da América e do Canadá e se propõe «pagar» uma promessa, mas na terra que o coração lhe chama, juntando amigos e familiares, muitas vezes não coincidindo com o ciclo Pascal, porque os trabalhos não permitem, mas o tempo... é tempo, desde haja saúde e paz!

Na cidade, a festividade em honra de S. Pedro dizia-se que «fechava a porta», tal como vim a assistir nesta Fajã de Baixo, desde que passei a residir, quase há tantos anos como aqueles que vivi na minha freguesia natal, S. José!

Também ainda sou do tempo que se realizava o «Império dos Nobres». O mordomo era num ano, um membro duma família ligada à aristocracia; e, no outro ano, um sacerdote quase sempre prior ou pároco das paróquias da cidade.

A cerimónia constava da mudança da Bandeira, ao cair da noite de sexta-feira, da casa do mordomo para a igreja de S. Pedro e, no domingo de manhã, havia a coroação. Quando o sacerdote era o mordomo, o cortejo saía da «sua» igreja, tomava o mesmo rumo e os convidados de ambos, empunhavam círios.

Distribuíam «esmolos» de pão e carne, mas as «sopas» do Espírito Santo, só anos depois entraram nos usos e costumes dos micalenses. Ainda bem, que isto aconteceu, porque assim a partilha abrangiu toda a comunidade, todas as classes sociais e, finalmente, todas as ilhas dos Açores. E, não havia presidências, como observou o Senhor Bispo D. Armando, mas todos à mesa do mordomo, que promove ... e do Imperador que coroa!

D. António Sousa Braga, de saudosa memória, com a simplicidade e a natural humildade que foi sempre o seu múnus episcopal – mas na segurança teológica como se nos dirigia, incluindo ao clero – foi o «Bispo do Espírito Santo», não fosse ele natural da freguesia de Santo Espírito, ilha de Santa Maria, fazendo aproximar as fiéis, por via da reflexão dos textos bíblicos e dos usos e tradições mantidas em cada curato ou paróquia da Igreja Açoriana, à devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade!

E, como o Espírito Santo continua a pairar e a abençoar estas ilhas, trouxe-nos um seu continuador, na pessoa do Senhor D. Armando Esteves Domingues que, não sendo dos Açores e, talvez nem sabendo o que por aqui se passava, esteve junto do «seu» povo e soube ouvi-lo e pode tecer juízos de valor em tudo aquilo viu e foi acontecendo, desde a Segunda-Feira da Pombinha – também solenizada como o «Dia dos Açores» – até às «grandes» festividades em Ponta Delgada, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Ponta Delgada, esta numa amostra religioso/cultural, em vivências que envolveram as freguesias do nosso concelho.

E como esta iniciativa do Município – que já vai na XX Edição – tem ocasionado vozes de quem a aceita e de quem a não aceita, pelo facto de ser fora do tempo Pascal – a presença do «novo» Pastor era aguardada como que fosse a de um «árbitro» que

marcaria o golo da vitória ou da derrota!

Aliás, nesta «minha» Fajã de Baixo, ainda se realizou, na passada semana o Império de S. Vicente de Paula, com festejos que se prolongaram por outros dias e deve ter havido a cerimónia da coroação, a bênção da carne... a distribuição das sopas, numa partilha como ali sempre aconteceu...

Mas o Senhor D. Armando esteve acima dessas questiúnculas; e, se deixou interrogações, a cada irmão-leigo comprometido, sobretudo se «mordomo», com vista «a nova evangelização de que estamos a necessitar e que deve implicar um novo protagonismo de cada um dos baptizados e confirmados no Espírito Santo».

Por isso – apontou e desafiou, através da Palavra, tanto na conferência proferiu na Igreja Matriz, como na Missa de festa no domingo – onde estava o Espírito Santo, traçando, como já havia feito nas festividades em honra do Senhor Santo Cristo, as linhas de orientação que propunha para o seu múnus episcopal, quanto à forma de viver essas grandes celebrações.

Cumprindo o programa divulgado, de novo as 24 freguesias do concelho desceram pela vigésima vez à cidade capital para, em quadros vivos e ou pintados, dar uma «mostra» daquilo que aconteceu nas suas terras por ocasião das festividades em honra do Espírito Santo, por vezes incluindo também cortejos etnográficos.

De facto, nessa caminhada de vinte anos, não muito vulgar por estas «bandas» – dada a persistência e continuada renovação de todas as «peças» que sobremaneira incluíram o vistoso cortejo que desfilou na Avenida Infante D. Henrique – é justo expressarmos louvor e gratidão ao povo do concelho e à Câmara Municipal de Ponta Delgada: «mordoma» que tem conseguido congregar à sua volta tanta disponibilidade, sentido cívico e regionalista.

Vi muitos jovens a participar no cortejo cívico e não só; vi lavradores que «sustentam» o gado só para aqueles momentos; vi a disponibilidade e partilha de tantos voluntários, sempre alegres e bem dispostos na realização das tarefas de que foram incumbidos, tal como aprenderam com os avós; senti a dimensão turística que está associada a este acontecimento, que já faz cartaz; emocionou-me a representação do nosso «espaço» rural, expressivamente marcada com a presença da freguesia dos Arrifes; o apego e a saudade à terra dos que vivem na Diáspora e que só agora puderam gozar férias com familiares e amigos este conforto de reviver os usos e costumes.

Mas pude ver e sentir o que se passou em Ponta Delgada, através a «nossa» RTP que transmitiu, integralmente, as principais cerimónias, com «milagrosa» aparelhagem que passou a possuir, permitindo gravar a espaço a espaço.

E também estive em espírito junto de Sidónio Bettencourt, como o fiz há anos, cooperando em mais um programa «ATLANTIDA»!

Assim, ainda «controlo» a solidão dum velho...

E, se Deus quiser, até para o ano!



Chrys Chrystello*

Mais politiquices

Desculpem outro desabafo, mas ando mesmo farto dos políticos todos, rosas, laranjas, azuis, verdes, encarnados, cinzentos e lilases.

Começam todos a parecer que vieram da mesma incubadora de inutilidade, corrupção, nepotismo, insensibilidade para quem os elege com a arrogância de quem se sente superior aos desgraçados do povo que aceita o que a TV e jornais vomitam sem se questionarem, acreditando nas fábulas que vão ouvindo, entretidos com fado, futebol e fátima (ou Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023) por esta ou outra qualquer aleatória ordem.

E como o povo, que já nasceu boçal, mais ignorante ficou com a educação que lhe ofereceram, acredita nas promessas que a cada quatro anos lhe são atiradas como migalhas e votam sempre nos mesmos que os vêm explorando desde há séculos, desde a monarquia ao arremedo desta república alegadamente democrática. E como o que interessa é a bola, os festivais pimba e outras festas, mantêm-se alheado da “res publica”, dos escândalos, da corrupção, do nepotismo, dos favorecimentos, compadrios que regem toda a atividade pública.

Só assim se explica que para Portugal os arquipélagos autónomos – cada vez mais – se pareçam às antigas Ilhas Adjacentes que nunca eram nem ouvidas nem chamadas a decidir sobre o seu destino e as suas vastas riquezas. Até as velhas colónias ultramarinas eram mais bem tratadas...

Precisamos de médicos e enfermeiros, escolas novas, mais professores, cadeias novas,

novos equipamentos hospitalares e judiciais, novos meios de transporte terrestre, marítimo, aéreo, novos portos, aeroportos e marinas, estradas e vias rápidas e o que nos dão são hotéis de muitas estrelas enquanto o povo precisa de camas e centros para idosos (há sempre a minha secreta esperança de que quando o turismo secar, se convertam os hotéis em lares de terceira idade).

Precisamos de profissionais qualificados e em vez de os formarmos, deixamos que eles emigrem e contratamos estrangeiros para colmatar a desertificação humana.

Somos, cada vez mais, uma sociedade de velhos e como tal, se não pertencermos à máquina partidária ou estadual, vamos desaparecer sem podermos partilhar os nossos saberes e experiência com os mais novos, para que os erros se possam repetir e nada se aprenda da História. Como o povo anda também a perder a paciência, mais por culpa de excesso de taxas e impostos do que outras razões, mais dia menos dia, segue o apelo popularucho e demagógico que viu eleitores escolherem Bolsonaro e Trump noutros países (cá essas modas sempre demoram mais a chegar)...

E como sou um homem da cultura, um agente cultural como este governo me chama, e cada ano recebemos menos apoios e mais tarde as esmolos governamentais para praticarmos as atividades culturais como os nossos Colóquios da Lusofonia (21 anos e 38 edições) o melhor é mesmo dedicar-me a outra atividade menos fastidiosa.